

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.



O FEMININO E O MAL EM A DEMANDA DO SANTO GRAAL

OLIVEIRA, Larisse C. de
ARRUDA, Natália B. de S.
SIQUEIRA, Ana Márcia A. (Orientadora)

Resumo

A Demanda do Santo Graal, novela que narra as aventuras dos cavaleiros da Távola redonda de rei Arthur em busca do Santo Graal, é uma das principais obras do período medieval. Como percebemos que algumas das personagens femininas da obra são tomadas por um desejo devastador – como a filha do rei Brutos, que cometeu suicídio por causa de seu amor por Galaaz, ou uma maldade sem tamanho como a filha do rei Hipômenes, mãe da besta ladradora – o presente estudo tem como objetivo analisar a presença do mal, bem como as ações das personagens femininas na obra citada, estabelecidas num período em que a Igreja Católica, enquanto instituição, predominou no campo ideológico e sob a sociedade culturalmente. É época, também, em que as Cruzadas haviam se tornado uma realidade e a figura dos cavaleiros já não era um perfeito ideal. Para fazermos esta pesquisa, baseamos-nos nos estudos de DUBY (2001), SIQUEIRA (2011) e MALEVAL (2004). Através da visualização da situação vigente, percebemos que naquela época o intuito era transformar a representação feminina. Na obra a mulher é o próprio mal, é aquela que se deixa levar pelos seus desejos luxuriosos e que é capaz de compactuar com o demônio.

Palavras-chave: Mal. Feminino. Desejo.

1. Introdução

Como símbolo da perdição e do prazer, a mulher aparece na maioria das vezes associada ao mal, quando não é caracterizada como o mal em si própria. Ela surge como seguidora do demônio, como aquela que se deixou levar pela ‘boa’ palavra de Satã e esqueceu os ensinamentos de Deus, é também ela a mesma que foi tomada pela curiosidade e que não respeitou o seu esposo, aquele que amava. Assim como Eva, a figura feminina em *A Demanda do Santo Graal* (MEGALE, 1996) aparecerá para lembrar ao leitor a capacidade que a mulher tem de seduzir o homem, de persuadi-lo a fazer suas vontades, mesmo que isso signifique a perdição dele.

Associadas às mulheres estão na maioria das vezes, as feitiçarias, a rebeldia, a vingança, a insatisfação e a luxúria, se não nos prolongarmos. Como diz DUBY (2001, p. 15) “são elas que vão ao ataque, dissimuladas” e em *A Demanda do Santo Graal* não acontece diferente. É o que acontece, por exemplo, com a filha do rei Brutos, que, a partir do momento em que vê Galaaz, enamora-se do cavaleiro. Se lembrarmos casos antigos nos quais as mulheres tentaram tomar, ou tomaram, a cena, seja por seus atributos físicos, intelectuais, ou ainda por feitiços, teremos: Agripina Minor, a mãe de Nero, que convenceu o seu tio, o imperador romano Tibério Cláudio César Augusto Germânico, a adotar seu filho, e que depois sentindo-se acuada envenena o

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

governante; Sansão e Dalila; e na literatura grega teremos ainda o mito de Medéia, que mata os filhos, tirando a descendência de Jasão, seu bem mais precioso.

Objetivamos analisar, no presente trabalho, a construção da figura feminina através da perspectiva do mal, trataremos das personagens femininas mais representativas dentro da novela de cavalaria em questão para expor as características enunciadas.

Uma vez que há várias versões d'A *Demanda do Santo Graal*, utilizaremos a versão portuguesa, que se encaixa no ciclo da Post-Vulgata do século XIII. A referida novela de cavalaria tem sua primeira aparição no ciclo do *Lancelote-Graal*, mas também é conhecida como ciclo *Pseudo Map* ou *Vulgata* (século XII). A *Demanda do Santo Graal*, versão portuguesa, data dos anos de 1240, da qual pode ser encontrada uma cópia do século XV na Biblioteca Nacional de Viena.

2. Desejo, transgressão e culpa

Um dos exemplos mais pertinentes existentes nesta narrativa é a história da donzela, filha do rei Brutos que, como por feitiço, apaixonou-se por Gaalaz, um dos mais nobres cavaleiros a serviço do rei Arthur. Ela é sempre descrita como a donzela mais bela do reino, sendo esta uma descrição superficial da jovem, e concernente a carne, fruto do pecado, o fator intelectual nem sequer é lembrado como aparece no episódio a Besta Ladrador. Para MALEVAL (2004, p.10) “A mulher se apresenta como obstáculo maior a ascense espiritual a que almejavam os cavaleiros”, ou seja, rodeavam os homens com o único intuito de corrompê-los, afastando-os das graças do Senhor.

DUBY (2001, p.48) comentando Santo Agostinho acrescenta que “ [...], o feminino identifica-se ao *appetitus*, ao desejo. A mulher é dotada de razão; no entanto, a parte animal, desejosa, predomina nela; ao passo que nele (no homem), o racional prevalece.” É como se todas fossem predispostas à incontroláveis desejos, incapazes de remissão, ou de também compartilhar da *ratio*, a razão, exercida apenas pelos homens.

O amor que a bela moça possui por Galaaz, encontra-se majoritariamente no plano carnal. O desejo é irradiado na jovem que sonha em tê-lo, beijá-lo, e que ao não poder concretizar este amor comete suicídio, caracterizando grande afronta aos princípios da igreja católica:

Enfim, o erotismo se apresenta como fonte de todo crime, de todo pecado (homicídio, perjúrio, furto, ira, incesto, falso testemunho, idolatria...). Porque, diz o texto, a castidade e o pudor são atributos de Deus, ao passo que do enganador Diabo são o amor e a luxúria. (MALEVAL, 2004, p. 8)

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

O erotismo que se apresenta na narrativa, porém, não culminou na perdição de Galaaz, uma vez que ele se manteve fiel à igreja e ao juramento que havia feito, ao não corresponder as vontades da bela jovem. Este amor erótico resultou, porém na destruição da filha de Brutos. A beleza e a sensualidade da donzela não foram capazes de ajudá-la em sua empreitada, pelo contrário, só contribuiram para sua degradação. Lembrando BATAILLE (1989, p.14), veremos que é “como se o mal fosse o meio mais forte de expor a paixão”. Ressaltemos que não se trata do mal por propósito, do qual o único sentido é fazer algo ruim a outrem, mas daquele tipo de mal que enlouquece o ser, impossibilitando-o de pensar. Quando a moça expõe seus desejos, não se preocupa com as demais consequências que podem ser ocasionadas, como a perda da sua honra, ou a ira de seu pai, e ainda a vida de Galaaz, a quem ela diz amar. Em seu frenesi, alega que o nobre cavaleiro é a razão de sua desgraça. Lembremos que a ama da moça sente-se amedrontada quando sabe das intenções da moça:

- Eu amo tanto um destes cavaleiros andantes que aqui estão que, se o não tiver à minha vontade, não chegarei a amanhã, antes me matarei com minhas mãos. Quando a mulher ouviu isto, teve tão grande pesar que não soube o que fizesse, porque bem sabia que, se a donzela tivesse o cavaleiro à sua vontade, não podia ser que o rei não soubesse, cedo ou tarde; e quando soubesse que o cavaleiro com ela estava, ele era tão bravo que a mataria a donzela e quantos a ajudassem nisso. (MEGALE, 1996, p. 35)

E cumprindo a sua ameaça, decide cometer suicídio. Essa prática, como afirma SIQUEIRA (2011, p.11), “funciona como um sintoma do caráter fraco e volúvel considerado característico do gênero [feminino]. Em suma, a donzela desde o início do relato caracteriza-se como uma alegoria dos malefícios femininos [...]”, o que só corrobora para a pintura demoníaca prévia, associada à mulher.

Em defesa da aparente aquiescência de Galaaz, após a ameaça de suicídio feita pela donzela desesperada com a rejeição, verificamos uma fraca tentativa de impedir que ela cometesse o ato letal, pois se Galaaz tivesse sido omissos, poderia ser considerado vil, perdendo assim o título de cavaleiro escolhido, sem pecados “Ai, donzela! Tem um pouco de paciência e não te mates assim, que farei todo teu prazer.” (MEGALE, 1996, p. 40)

A morte da filha do rei Brutos pode ser comparada com a de Luísa, em *O Primo Basílio*, obra realista, de Eça de Queirós, que traz uma trama de adultério. Lembremos que Luísa não decide tirar sua própria vida, mas a vergonha é tão grande que resultou no definhamento de suas qualidades físicas e psicológicas. Em *A Demanda*, a donzela a que nos referimos sente-se coberta pelo pejo de suas ações, chegando ao extremo de se amaldiçoar: “Infeliz, ludibriada sou e aviltada e nunca terei

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará
Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

honra em nada que faça, quando, para meu pecado e para meu feito e sem pedir, vim deitar com este cavaleiro estranho, que não sabe nada da minha vida". (MEGALE, 1996, p. 37)

Se avaliarmos a morte da jovem por outra perspectiva, a da transgressão, veremos que sua morte age como um castigo pelas suas ações que a amaldiçoam. Em *A Literatura e o Mal*, Bataille acrescenta um ponto interessante quando trata do romance *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Brönte:

O Mal, considerado autenticamente, não é só o sonho do malvado, ele é de algum modo o sonho do Bem. A morte é a punição, procurada, acolhida, deste sonho insensato, mas nada pode fazer que este sonho não seja sonhado. (BATAILLE, 1989, p. 18)

A donzela desespera-se ao ver que Galaaz não a corresponde e que jámais conseguirá algo com ele. Sua honra está no chão e seu orgulho encontra apenas a morte como remediação. Seu desejo começou inesperadamente, como uma insensatez, assim, sem armas ou razão para se defender vê no suicídio a solução mais próxima.

3. A perversidade satânica em forma de mulher

Tratando da perversidade dentro da obra, deparamo-nos com a personagem da filha do rei Hipomênes, que será a protagonista de um dos atos mais horrendos *d'A Demanda*. Primeiramente, temos a jovem moça que é dotada de grande inteligência e beleza. Se atentarmos ao acontecimento, veremos que o fato das mulheres serem instruídas impõe uma parcela de poder nas mãos delas, o que alvitra a figura das bruxas, temidas por sua inteligência e sabedoria. Isso faria com que os homens ficassem sob o jugo dos conhecimentos daquelas consideradas frágeis:

Houve um tempo em que houve nesta terra um rei que tinha nome Hipômenes. Aquele rei tinha uma filha tão formosa, que em todo o reino de Logres, não havia tão formosa pessoa. A donzela tinha um irmão de vida tão boa e tão gloriosa para Nosso Senhor, que maravilha; e com tudo isto era tão formoso e tão sisudo e de tão boa graça, que não há quem o conhecesse, que não se maravilhasse de sua vida e de seus feitos. E era muito letrado, mas a donzela mais, porque tinha os melhores mestres do mundo que lhe ensinavam as sete artes quanto mais podiam. (MEGALE, 1996, p. 124)

Após provar de vários conhecimentos, a donzela entedia-se e volta seu olhar para o irmão. Acredita amá-lo e passar a se empenhar para concretizar tal amor, no entanto, quando ela se declara, é repudiada pelo irmão. Envergonhada tenta cometer suicídio. Eis que surge o Diabo e propõe que ela esqueça o amor que sente pelo irmão, dispondo-se a ajudá-la em sua vingança.

Na busca pelo poder e na sede de vingança por ter sido rejeitada pelo irmão, a jovem alia-se ao Diabo para concretizar seus desejos. A vitória de seus instintos, em contraposição ao

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

amor que ela afirma manter pelo irmão, corrompe o que talvez tenha restado de sua bondade e senso: “Deste modo entregou seu amor ao demo, e ele deitou com ela, [...] E quando deitou com ela, teve ela tão grande prazer que lhe esqueceu o amor de seu irmão tão mortalmente, que mais não poderia [...]” (MEGALE, 1996, p.126)

No entanto, como se pode notar, esse amor é apenas uma máscara, de acordo com SIQUEIRA (2011, p. 9) é “a submissão ao mundo alegorizada no amor a si mesmo”, como um símbolo utilizado sobre os pecados como forma de impor-se sobre o outro. Ou seja, a donzela buscava poder, era tão inteligente que todos estavam a um nível inferior. A castidade e a fé de seu irmão eram sentimentos que não possuía, o que não permitia sua supremacia como dominadora.

4. Conclusão

Podemos concluir que as personagens femininas, como a filha do rei Brutos e a do rei Hipomênes, são utilizadas como ferramentas do Diabo para concretizar seus planos malévolos. E segundo SIQUEIRA (2011, p.14), a:

tentação diabólica [na] Demanda revela que homens e mulheres, o ser humano, deve estar vigilante e fortalecido na prática cristã, porque o diabo espreita. Aqueles voltados para o mundo sucumbem às ilusões transitórias oferecidas por ele: paixões, prazeres carnisais, satisfações efêmeras diante do sofrimento ocasionado pela perdição da alma e os castigos do inferno. O maior pecado é a livre escolha de um bem menor, terreno, em detrimento do bem maior: estar junto de Deus e usufruir das recompensas da vida eterna. Por isso, a intervenção divina não abandona aqueles que perseveram na busca de salvação da alma.

O bem triunfará sobre o mal durante a maior parte da obra, aqueles que confiaram sua vida ao Senhor, como Lancelot, no fim de sua vida, e o filho do rei Hipomênes – para não citarmos todos os outros – foram recompensados obtendo a graça divina em suas mortes.

Quando se esquecem do amor que alegam sentir, quando no frenesi de suas paixões as personagens são arrebatadas por desejos incontrolláveis, que se sobrepõem ao que deveria ser o amor casto, sua derrocada começa. Percebemos que a fonte para a entrada do Diabo na mente feminina é a busca do poder, de realização, é a tentação de alcançar o sonho que as consomem e queimam suas carnes, impedindo-as de enxergarem a luz da razão, ou como no caso da filha do rei Brutus, é o despertar de seus instintos, que aparecem desordenadamente levando ao caos da autodestruição.

Referências

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

BATAILLE, Georges. **A Literatura e o Mal**. Tradução de Suely Bastos. Porto Alegre: L&M Pocket, 1989.

DUBY, Georges. **Eva e os Padres**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. **Representações Diabolizadas da Mulher em Textos Medievais**. In: Sérgio Nazar David. (Org.). *As mulheres são o diabo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, v. 5, p. 45-80.

MEGALE, Heitor. **A Demanda do Santo Graal**. São Paulo: Ateliê Editorial/ Editora Imaginário, 1996.

SIQUEIRA, Ana Marcia Alves. **Configuração do Mal na Demanda do Santo Graal**. Texto inédito cedido pela autora e apresentado no *I Congresso Internacional sobre Matéria Cavaleiresca*, em maio de 2011, p. 1-20.

QUEIRÓS, Eça. **O Primo Basílio**. Ciberfil Literatura Digital. Acessado em 20 de Março de 2011. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ph000227.pdf>



A QUESTÃO DOS UNIVERSAIS: UM BREVE RASCUNHO DIALÉTICO A RESPEITO DA FILOSOFIA MEDIEVAL CRISTÃ

PEDROSA, Ricardo da S.
GADANHA, Alberto D. (Orientador)

Resumo

O presente texto trata do posicionamento de Abelardo e Ockham acerca da questão dos universais, destacando os mestres que lhes influenciaram. Fundamentados nos clássicos gregos essa tradição busca entender se os genéricos são reais, são conceitos ou se são apenas nomes. As implicações teológicas e filosóficas dessa questão, nos levarão à perceber a atualidade dessa disputa e como ela fundamenta a separação entre ciência e filosofia.

Palavras-chave: Universais. Abelardo. Ockham.

Introdução

O presente texto procura promover, e de certa forma reabilitar, os questionamento acerca dos universais e como está questão foi trabalhada na Idade Média e sua repercussão na doutrina cristã.

A questão dos universais animou tanto as questões filosóficas quanto as questões teológicas presentes no decorrer do desenvolvimento da filosofia clássica e medieval no ocidente. Pretendemos no decorrer deste texto expor o desenvolvimento tanto histórico quanto conceitual dessa querela em torno dos universais, no sentido em que as discussões dizem respeito não apenas a aspectos teóricos, mas são decisivas também para o curso da filosofia, da teologia e da ciência. Nesse sentido, a questão dos universais vai permear toda a produção de conhecimento nessas três